

A SECA E O DESMATAMENTO

Página Inicial > Acervo Revistas Ciência Hoje

desmatamento na Amazônia deve estar contribuindo de alguma forma para a atual seca que atinge o Sudeste, mas não temos dados para explicar uma queda de precipitação tão drástica somente por essa contribuição.

A ligação entre a reciclagem de água pela floresta amazônica e o transporte de vapor d'água do Norte do país para o Sudeste, nos chamados 'rios voadores', é bem documentada. Escrevi sobre esse tema na *Ciência Hoje* há uma década ('A água de São Paulo e a floresta amazônica', em *CH* 203). No entanto, a redução das chuvas no Sudeste, este ano, é muito desproporcional em relação ao aumento da área desmatada de 2013 para 2014. Algum tipo de quebra de ventos de nível baixo – ventos que transportam vapor d'água na baixa atmosfera – poderia explicar a diferença, mas os dados existentes não permitem afirmar que isso aconteceu.

Outros fatores também podem ter influenciado a atual seca. Estamos no início do fenômeno El Niño (o aquecimento excessivo das águas do oceano Pacífico, que afeta o clima da América do Sul), mas este não mostra severidade fora do normal, capaz de explicar a seca. As águas do oceano Atlântico, diante do litoral do Sudeste, também estão mais quentes que o normal, o que pode influenciar o padrão de chuvas. Além disso, uma massa de ar estacionada sobre o estado de São Paulo inibiu a entrada de frentes frias vindas do sul do continente, que normalmente provocam condensação de vapor d'água e geram precipitação.

A ligação entre a reciclagem de água pela floresta amazônica e o transporte de vapor d'água do Norte do país para o Sudeste, nos chamados 'rios voadores', é bem documentada.

Apesar da incerteza sobre as causas da seca, é importante aprender as lições que essa ocorrência nos ensina. A primeira lição diz respeito ao 'desenvolvimento' da Amazônia: se este continuar a seguir o curso atual, com planos para a construção de rodovias, barragens e outras estruturas que contribuem para o desmatamento, e com subsídios para a destruição da floresta, em uma larga gama de políticas perversas, faltará água, sim, em São Paulo. Nesse caso, porém, a falta não estará associada apenas a uma variação de chuvas de um ano para outro: será permanente.

Desmatamento

Os planos atuais para o desenvolvimento da Amazônia, como a construção de rodovias, barragens e outras estruturas que contribuem para o desmatamento, poderão levar a uma seca permanente no Sudeste. (foto: Leonardo F. Freitas/ Flickr – CC BY-NC-SA 2.0)

A segunda lição está ligada aos efeitos do aquecimento global. A variabilidade climática dita 'natural' vem aumentando devido a esse aquecimento. Isso significa que eventos extremos do clima, como secas e inundações, serão cada vez mais severos e mais frequentes, em comparação com os padrões históricos.

É evidente a necessidade não apenas de adaptação às novas condições, mas também de luta contra o chamado efeito estufa. O combate às causas das mudanças climáticas precisa ser feito de modo muito mais sério do que tudo o que se viu até agora. A posição do Brasil nessa questão continua a ser a que o país apresentou na Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, em Durban, na África do Sul, em 2011: a de que o país aceitaria uma meta de redução de emissões (de gases que contribuem para o efeito estufa), dentro da Convenção de Clima, mas somente se todos os outros países do mundo concordassem em fazer o mesmo. É uma fórmula para não assumir nenhum compromisso vinculante.

Fica evidente a necessidade não apenas de adaptação às novas condições, mas também de luta contra o chamado efeito estufa.

Espera-se que os eventos atuais – como a drástica seca em São Paulo – levem a uma mudança na posição brasileira em relação às mudanças climáticas. Em isso, o país assumiria um papel de liderança nessa questão, em vez de adotar a estratégia de ser o último a 'entrar no bonde'. Essa mudança estaria fortemente vinculada ao interesse nacional, porque o Brasil está entre os países que mais sofrerão se uma redução nas emissões globais não acontecer no tempo.

Philip M. Fearnside

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa)

Texto originalmente publicado na *CH* 322 (janeiro/fevereiro de 2015). [Clique aqui](#) para acessar uma versão parcial da revista.

Matéria publicada em 04.03.2015

COMENTÁRIOS

Envie um comentário

Escreva seu comentário

Seu Nome

Seu E-mail

 Enviar comentário

MAIS MATÉRIAS DESTA EDIÇÃO

[ARTIGO INTERATIVO - OPINE, PERGUNTE E PARTICIPE!](#)**Maconha medicinal: você apoia?**

Para se posicionar a favor ou contra, o que pode ser melhor do que conversar com um especialista? O professor e pesquisador Luís Fernando Tófoli, do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Unicamp, está no chat da Ciência Hoje para dialogar com você sobre os limites e os benefícios do uso medicinal da maconha. Participe!

[ARTIGO INTERATIVO - OPINE, PERGUNTE E PARTICIPE!](#)**O HIV e os aplicativos de encontro**

A infecção por HIV atinge desproporcionalmente a população LGBT. Há uma estimativa de que um em cada quatro homens que fazem sexo com homens, em São Paulo, conviva com o vírus. Será que o uso de aplicativos de encontro contribuiriam para aumentar o número de parceiros sexuais e de relações 'desprotegidas'? Será que as pesquisas confirmam esta hipótese? Qual a sua opinião? Participe do chat da Ciência Hoje.

[Veja mais publicações](#)

MATÉRIAS RELACIONADAS

[ACERVO REVISTAS CIÊNCIA HOJE](#)**A RMN e suas aplicações atuais**

Artigo apresenta as novas perspectivas abertas pelo uso da ressonância magnética nuclear

[ACERVO REVISTAS CIÊNCIA HOJE](#)**Mais precisão na datação geológica**

Artigo apresenta novo método para definir idade de rochas baseado em isótopos de platina

[Veja mais publicações](#)